



Gemas e mais gemas: a afluência da pedraria brasileira a Portugal na 2.^a metade de Setecentos*

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

Professor Dr. Gonçalo Mesquita da Silveira de Vasconcelos e Sousa

Professor catedrático da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, onde é diretor do CIONP - Centro Interpretativo da Ourivesaria do Norte de Portugal. Doutor (2002) em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Diretor do CITAR - Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (2011-2016) e diretor do extinto Departamento de Arte e Restauro (2006-2015). Diretor da Revista de Artes Decorativas e da revista Museu.

Contacto: gsousa@porto.ucp.pt

RESUMO [PT]: Na segunda metade do século XVIII, afluíram a Lisboa e ao Porto uma significativa quantidade de gemas, provenientes dos portos do Rio de Janeiro e de Salvador da Baía. Topázios, crisoberilos, granadas, ametistas, águas-marinhas, entre outras pedras, chegavam a Lisboa remetidas por encomenda, negócio ou acompanhando viajantes até à capital do Reino. Entre os seus destinatários encontravam-se nobres, clérigos, homens de negócios, ourives, entre diversos outros cuja ocupação se desconhece. Esta variedade e quantidade de gemas possibilitaram uma arte de grande riqueza cromática, através da realização de jóias e da sua aplicação em custódias.

Palavras-chave: Gemas; Rio de Janeiro; Salvador; Lisboa; navio.

ABSTRACT [EN]: In the second half of the 18th century, a significant number of gems flowed to Lisbon and Porto, coming from the ports of Rio de Janeiro and Salvador da Baía. Topaz, chrysoberyls, garnets, amethysts, aquamarines, among other stones, arrived in Lisbon sent by order, business or accompanying travelers to the capital of the Kingdom. Among its recipients were nobles, clergymen, businessmen, goldsmiths, among many others whose occupation is unknown. This variety and quantity of gems made possible an art of great chromatic richness, through the making of jewels and their application in monstrances.

Keywords: Gems; Rio de Janeiro; Salvador; Lisbon; ship.

RESUMEN [ES]: En la segunda mitad del siglo XVIII, una cantidad significativa de gemas fluyó hacia Lisboa y Porto, provenientes de los puertos de Río de Janeiro y Salvador da Baía. Topacios, crisoberilos, granadas, amatistas, aguamarinas, entre otras piedras, llegaron a Lisboa enviados por encargo, negocios o acompañantes a la capital del Reino. Entre sus destinatarios se encontraban nobles, clérigos, empresarios, orfebres, entre muchos otros cuya ocupación se desconoce. Esta variedad y cantidad de gemas permitió un arte de gran riqueza cromática, a través de la creación de joyas y su aplicación en custodias.

Palabras clave: Gemas; Rio de Janeiro; Salvador; Lisboa; embarcación.

* O texto está redigido em português de Portugal e, por isso, alguns termos podem apresentar grafia diferente das normas do português brasileiro.

Introdução

Um dos aspectos mais interessantes da joalheria setecentista portuguesa, mas também de outros países europeus, foi o acesso a uma grande diversidade de gemas. Neste contexto, Portugal dispôs de uma assinalável quantidade de pedras provenientes do Brasil, que não somente os diamantes, que afluíram em caudalosas quantidades, tendo sido enviadas muitas outras procedentes da região das Minas Gerais. Tal permitiu uma variedade de pedraria de forte impacto visual, cujo cromatismo marcou de forma indelével as jóias realizadas em Portugal, na segunda metade do século XVIII. Algumas manterão, na terminologia com que foram descritas na documentação consultada, a ligação a localidades dessa capitania brasileira.

1. Podemos observar algumas exceções na riquíssima documentação de Nicolau Raposo do Amaral, que menciona a encomenda de um adereço em Lisboa e do seu reenvio posterior para vender no Brasil, por não terem dele gostado. Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Ditames do gosto setecentista: o negociante de grosso trato, Nicolau Maria Raposo do Amaral, de Ponta Delgada, e as Artes Decorativas*. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, dir. – *Matrizes da investigação em Artes Decorativas* [I]. Porto: CITAR, 2010, pp. 26-27.

2. Se alguns destes nomes mencionados são ourives do ouro, cravadores ou lapidários de Lisboa não o podemos determinar por falta de informações e estudos sobre estes mesteres em Lisboa no período em causa.

3. Vd. SILVA, Nuno Vassallo e – *As custódias-jóias de Setecentos. Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. 43 (Jul.-Set. 2000), pp. 78-92; SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, coord. – *A luz que mais brilha: custódias de prata da cidade do Porto*. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto, 2019.

4. No Porto, observamos a presença de joias executadas com diferentes gemas, como pode verificar in SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *A joalheria no Porto ao tempo dos Almada*. Porto: CITAR, 2008, pp. 100-112.

A generalidade do século XVIII valorizou muito a vivacidade das cores, o que se torna visível nas mais diversas artes decorativas. São tonalidades vibrantes, mais ligadas ao Barroco e ao Rococó, posteriormente mais discretas e suaves, estas aplicadas ao gosto e à estética neoclássica. A tudo isto a joalheria se adaptou, associada ao traje, criando efeitos de grande riqueza ornamental, a que os coevos foram particularmente sensíveis. No entanto, faltam, para Portugal, informações¹ sobre a verdadeira atitude perante estas gemas e as circunstâncias concretas do uso das jóias.

Este artigo pretende estudar a contextualização da afluência das pedras brasileiras a Lisboa, designadamente a forma como chegavam e a quem se destinavam. Importa determinar de que gemas se tratava e as de envio mais recorrente para Lisboa, fornecendo indicações sobre se vinham em bruto ou lapidadas, bem como outras circunstâncias dessas remessas. Todas estas informações se afiguram necessárias para nos ajudar a enquadrar a afluência de gemas do Brasil ao Reino, já que a sua presença se materializou numa quantidade muito significativa de jóias realizadas na segunda metade do século XVIII.

Outro aspecto a considerar diz respeito aos destinatários das pedras, havendo algumas informações interessantes sobre membros da nobreza, religiosos, homens de negócio, mas também ourives do Porto que surgem a enviar procurações para o seu resgate na Casa da Moeda de Lisboa².

Gemas vindas do Brasil

A afluência de pedraria brasileira a Portugal, a partir do segundo quartel do século XVIII, é um tema imensamente abrangente. Vemos a presença de gemas na documentação, observamo-la em jóias de múltiplas tipologias ou enriquecendo algumas das diversas custódias³ e outras alfaias religiosas realizadas no século XVIII e ainda nas primeiras décadas de 1800.

Se o diamante se constituía na gema inorgânica mais relevante, não é sobre ele que, especificamente, nos vamos centrar neste estudo, até porque sobre esta pedra têm sido realizadas várias investigações. A presença de uma diversidade de outras gemas aguça a curiosidade; haveria mesmo muitas variedades e particularidades a discutir com um gemólogo. Aqui ou ali surgem nomenclaturas específicas, tal como sucede noutros documentos brasileiros consultados, e que fomos vertendo nos nossos trabalhos, à espera que um especialista em Gemologia Histórica um dia as possa interpretar devidamente.

Explicar a viagem de gemas e fornecer alguns elementos concretos para a compreensão da sua presença em Portugal continental (Lisboa e Porto⁴), ao que percebemos, e apresentar alguns casos interessantes de remessa de pedras a elementos de diversos estamentos sociais, revelam-se alguns dos propósitos deste ponto.

5. Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Exuberância e cromatismo: Portugal e Brasil na joalheria de Setecentos*. Museu. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo/Amigos do MNSR. 4.ª s., 20 (2013), pp. 23-27.

6. No final de Setecentos, sabe-se que David Ambrósio Pollet forneceu gemas para a corte espanhola. Vd. MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho – *Os Pollet, uma dinastia de joalheiros ao serviço da Casa Real portuguesa – novos dados biográficos*. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, coord. – *Actas do III Colóquio Português de Ourivesaria*. Porto: UCE-Porto; CITAR; CIONP, D. L. 2012, pp. 75-112.

7. Vd. Arquivo Histórico da Casa da Moeda (Lisboa) (A.H.C.M.), *Núcleo do Brasil*, Manifestos de vários navios provenientes do Rio de Janeiro em 1764, doc. solto.

8. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, Manifestos de vários navios provenientes do Rio de Janeiro em 1764, doc. solto.

9. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, Manifestos de vários navios provenientes do Rio de Janeiro em 1764, doc. solto.

10. Sobre este ofício, ainda muito mal estudado, vd. informações in SILVA, Nuno Vassallo e – *Sobre o mester de lapidário no século XVI*. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, coord. – *I Colóquio Português de Ourivesaria: actas*. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 1999, pp. 209-219; SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Elementos para o estudo do ofício de lapidário no Porto no terceiro quartel de Setecentos*. *Revista de Artes Decorativas*. Porto: CITAR. 2 (2008), pp. 195-204.

11. Vd., sobre esta gema, CARVALHO, Rui Galopim de – *Pedras preciosas na Arte Sacra em Portugal*. Lisboa: CTT – Correios de Portugal, 2010, pp. 128-130.

A necessidade de gemas para uma progressiva utilização na joalheria deste período estimulou o comércio, pois eram necessárias as matérias-primas para a sua realização, de acordo com os padrões em voga, que pediam gemas com alguma dimensão. Alguns destes adornos retornavam ao Brasil através de remessas de jóias⁵. É também provável que algumas gemas tenham viajado, a partir de Lisboa, para diversos países da Europa, num movimento ainda muito mal conhecido⁶.

As remessas manifestadas nas embarcações vindas do Brasil eram recolhidas na Casa da Moeda, em Lisboa, sendo particularmente interessantes as procurações deixadas por aqueles que se fizeram representar por outros. Outra documentação dos manifestos dos navios traz também muitas informações sobre a vinda de peças que acompanhavam os seus proprietários, designadamente as gemas. De facto, nem sempre os viajantes traziam apenas gemas ou jóias, por vezes sucedia combinarem-se ambas as realidades, como ficará explicitado *infra*.

As remessas são frequentemente descritas de forma grosseira, sendo que algumas, no entanto, surgem de modo mais cuidadoso. Há, ainda, casos em que se revelam minudências sobre a sua origem. Claro está que, existindo uma procuração para conferir poderes ao destinatário de forma a poder levantar as gemas na Casa da Moeda, o seu objectivo não era o de fazer uma descrição minuciosa do conteúdo, mas tão só fornecer elementos para contextualizar os poderes conferidos a outrem para representar o proprietário. Daí se compreender a descrição pouco minuciosa da generalidade da pedraria.

No caso dos manifestos dos navios, também não haveria total exactidão descritiva ou de identificação. Tomemos algumas informações retiradas dos registos dos manifestos do ano de 1764, onde encontramos informações sobre pedraria que viajou para Lisboa. Em 11 de Maio de desse ano, no navio Nossa Senhora da Penha de França e São Francisco de Paula, vindo do Rio de Janeiro, no baú de Manuel José dos Santos, existia uma caixinha com o sobrescrito destinado a Matias Lourenço de Araújo e, ausente, a João Coutinho dos Santos. Continha uma porção de topázios amarelos e um anel com as mesmas pedras, para além de um embrulho de papel com “humas poucas de pedras brutas que parecem amatistas”⁷. Nesse mesmo dia, no navio O Lamas, no baú de José António da Rocha encontravam-se dois embrulhos em papel, um deles com 53 pedras e outro com mais 70, “que se não sabe que pedras são”⁸.

Em 6 de Outubro desse ano, a bordo da charrua Nossa Senhora da Purificação, que vinha do Rio de Janeiro, tendo por capitão Francisco Duarte Serra, o mestre da charrua Manuel Monteiro manifestou um embrulho contendo pedras, que possuía um letreiro no exterior indicando destinarem-se a António de Almeida Pereira, com fábrica de lapidário na Rua de São José, em Lisboa⁹. Esta é uma forma de observar como este ofício¹⁰ obtinha as suas gemas, se bem que se trate somente de uma informação solta.

Entre as pedras chegadas a Lisboa encontramos sobretudo topázios e crisoberilos mas, também, granadas, quartzos, ametistas e águas-marinhas, para além de outras por identificar.

Topázios

Os topázios surgem mencionados em maior número, tendo sido, em princípio, as pedras de cor remetidas em maior quantidade para Portugal. Muitas delas seriam, certamente, topázios imperiais, que se tornaram muito apreciados na época¹¹. Deste modo, temos notícia, em 22 de Julho de 1761, de uma procuração passada pelo Padre Eusébio António de Figueiredo, presbítero do hábito de S. Pedro, morador na Rua do Vale, em Lisboa. Nela institui seus procuradores o Dr. Francisco Julião da Costa, António de Abreu, Sebastião

12. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

13. Vd., igualmente, outras pedras de Itatiaia referidas num documento de 1767, no trabalho SOUSA, Gonçalves de Vasconcelos e – *Requintar as casas, enfeitar as gentes: a ourivesaria entre Vila Rica e Ouro Preto (ca. 1800-1840)*. Museu. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo/Amigos do MNSR. 4.ª s. 24 (2018-2020), pp. 74, 79 e 92.

14. Sobre as minas novas, vd. CARVALHO, Rui Galopim de – *Minas Novas termo comercial ou designação gemológica? Portugal gemas*. 8 (Out. 2008), pp. 7-8.

15. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

16. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

17. Por burgalhão entende-se “multidão de conchinhas que fazem laftro no mar”. Vd. SILVA, António de Moraes – *Diccionario da lingua portugueza* (...) Lisboa: Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1789, vol. 1, p. 202.

18. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

19. Vd. CANEDO, Fernando de Castro da Silva – *A descendência portuguesa de el-rei D. João II*. Lisboa: Edições Gama, 1946, vol. 3, pp. 10-11.

20. Navio capitaneado por José Gomes. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

21. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

22. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

Bernardes dos Santos, Baltazar da Fonseca e Agostinho da Costa para receber na Casa da Moeda um embrulho de pedras que o mesmo sacerdote manifestara no navio Rainha de Portugal¹². Nesta embarcação viera do Rio de Janeiro na frota de 1761, n.º 91, contendo o seu manifesto 12 oitavas e $\frac{3}{4}$ de 4 topázios da Itatiaia e 3 oitavas de peso “em humas pedrinhas das minas novas”. Este conteúdo é particularmente rico, por referenciar a ligação, com probabilidade, dos topázios a esta localidade de Minas Gerais¹³, acrescidas da importante referência às pedras das minas novas, termo que haveria de generalizar-se na terminologia usada nos séculos XIX e XX para se referir a quartzos¹⁴ usados na joalheria setecentista ou das primeiras décadas de Oitocentos.

As gentes do Norte de Portugal possuíam profundas relações com o Brasil, pelo que não é estranho vermos a procuração, datada de 11 de Novembro de 1761, em que João de Almeida Coelho, morador no lugar das Lajes, freguesia e termo do concelho de São João de Rei (actual concelho da Póvoa de Lanhoso), conferiu poderes a Francisco da Silva Lisboa, homem de negócio, morador na Rua do Poço Novo da cidade de Lisboa, para poder receber um pacote que se encontrava no cofre da dita Casa da Moeda. O mesmo continha quatro embrulhos no seu interior, “dois de pedras chamadas amantistas e outros dois de huns burgalhaos chamados topazios”, vindos do Rio de Janeiro no navio Nossa Senhora de Monte do Carmo e Santa Teresa, de que era capitão José da Silva Banhos, e em que o dito João de Almeida Coelho viajara para o Reino¹⁵.

Anos mais tarde, uma nova procuração, com a data de 21 de Julho de 1770, desta vez passada na cidade do Porto por José Pereira de Miranda, capitão do navio S. Pedro de Rates e Santa Quitéria para que João Dias Santos, de Lisboa, pudesse recolher, na Casa da Moeda, “hum saquinho de tupazios brutos”, que manifestara na chegada do Rio de Janeiro a Lisboa¹⁶. Fosse para posse pessoal, fosse por encomenda de alguém ou com o objectivo de fazer negócio, todas estas possibilidades podem ser enquadradas nesta forma de trazer gemas por parte dos capitães dos navios e dos passageiros.

Nos anos seguintes, anotam-se diversas referências à vinda de topázios. Em 3 de Abril de 1772, Domingos Tara & C.^a passou uma procuração a Domingos António Ferreira para poder receber, na Casa da Moeda, 41 e $\frac{1}{2}$ libras de burgalhão¹⁷ de topázios, vindos do Rio de Janeiro no navio Nossa Senhora da Lapa e São José, de que era capitão Manuel Gonçalves Anjo¹⁸.

No ano seguinte (5 de Janeiro de 1773), vemos um aristocrata, D. Francisco Xavier de Menezes Breyner¹⁹, gentil-homem da Câmara de S. Majestade Fidelíssima, a passar uma procuração a Ricardo José Rodrigues para recolher “hum sacco com varios topázios, e cristais”, enviado do Rio de Janeiro por Manuel Barbosa dos Santos no navio Santa Ana, Carmo e S. José²⁰.

Nesse mesmo ano (1 de Julho), Manuel Pereira de Faria conferiu poderes a Manuel José de Sá e Faria para receber na Casa da Moeda um sacco com 1053 oitavas de topázios, que lhe foram remetidos do Rio de Janeiro por Francisco Pinheiro Guimarães, no navio Tejo e Nossa Senhora da Paz, de que era capitão José Lopes da Silva²¹.

Uma quantidade ainda mais significativa de topázios veio da cidade do Rio de Janeiro na galera Nossa Senhora do Carmo e Santo António, que tinha por capitão Manuel Pinto da Silva. Em 12 de Maio de 1774, Sebastião Bernardes dos Santos (?) deu poderes a Joaquim Valério de Abreu para retirar da Casa da Moeda essas 4000 oitavas de topázios²².

Através do próximo carregamento, fazemos a ponte entre os topázios e a próxima gema a abordar, os crisoberilos ou *crisólitas*. Em 13 de Março de 1783, no Rio de Janeiro, o capitão do navio Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da

23. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.
24. Vd. A.H.C.M., *Manifestos das Naus*, L.º 1636.
25. Curiosamente, os registos antecedem o grande Terramoto de 1755 e só voltam a ser realizados em Agosto de 1757.
26. Vd. CARVALHO, Rui Galopim de – *Pedras preciosas na Arte Sacra em Portugal*. Lisboa: CTT – Correios de Portugal, 2010, pp. 130-131.
27. Cremos tratar-se de 25 de Janeiro de 1770, atendendo ao redigido no documento e ao reconhecimento da assinatura datar de 13 de Fevereiro de 1770.
28. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.
29. Sobre este ourives do ouro portuense, vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Dicionário dos ourives do ouro, cravadores e lapidários do Porto e Gondomar (1700-1850)*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2012, vol. 2, pp. 1351-1352.
30. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.
31. Sobre este ourives do ouro portuense, vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Dicionário dos ourives do ouro, cravadores e lapidários do Porto e Gondomar (1700-1850)*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2012, vol. 2, pp. 1828-1834.
32. Esta data é a do informe e a da autorização de entrega. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.
33. Uma das testemunhas é Manuel Ferreira Campos. Poderá tratar-se do ourives da prata portuense (SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Dicionário de ourives e lavrantes de prata do Porto: 1750-1825*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2005, pp. 85-88) ou de um seu filho homónimo?
34. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

Arrábida, Luís da Cunha Moreira, assinou um recibo em como António dos Santos & C.^a lhe entregara 50 oitavas de topázios e 44 oitavas de crisólitas em dois embrulhos com letreiro. Tê-los-ia de entregar em Lisboa a João Luís do Cabo, morador na Travessa do Macedo, junto à Rua de São José, e, na sua ausência, a João da Silva, lavrador, morador em Benfica²³.

Outra fonte com algum interesse para o registo destas gemas é um livro existente no Arquivo da Casa da Moeda, que tinha por objectivo “nelle se carregar o hum por sento dos diamantes e maiz pedras preciosas que bem do Brazil”²⁴. Iniciado em Lisboa, em 12 de Fevereiro de 1753, possui indicações até Setembro de 1760²⁵ (quadro 01). Apesar da anotação de que nele se assentariam diversas gemas, as únicas de que há menção expressa são os topázios, havendo apenas um registo, de 1755, referente a um embrulho com pedras de várias cores. Os possuidores procedem, na sua grande maioria, do Rio de Janeiro, havendo somente dois registos de topázios transportados desde Salvador da Baía, estes vindos em 1755 e 1758.

Crisoberilos ou crisólitas

No contexto das fontes que estamos a explorar, a primeira notícia a que tivemos acesso sobre crisólitas²⁶ data de 25 de Janeiro de 1770²⁷, quando, em Tomar, o Dr. Aurélio António Cotrim de Sousa, bacharel formado na Universidade de Coimbra, constituiu seu procurador o Dr. António José Pereira do Lago para poder retirar dos cofres da Casa da Moeda “humta lata de folha de flandes inbrulhada em hum tafeta azul xeia de pedras grizolitas, e de cristaes do Serro, e alguns topazios”. Estas gemas haviam sido trazidas do Rio de Janeiro, pelo referido Dr. Cotrim de Sousa, na nau de guerra Nossa Senhora da Madre de Deus, de que era comandante João da Costa de Ataíde²⁸. Interessante é a menção aos cristais do Serro, região da capitania das Minas Gerais.

Na corveta Nossa Senhora da Vitória e Santo António, vinda do Rio de Janeiro, tendo por capitão António Peixoto Guimarães (da freguesia de Lordelo do Ouro, arrabaldes do Porto), o marinheiro José Coelho Barreiros manifestou, em 1772, um saco de pedras destinado ao ourives do ouro portuense João Alves Pinto²⁹. É passado um atestado por José de Sá Carvalho, em 24 de Abril de 1773, em como o mesmo mestre havia pago 1% “de humas poucas de pedras” vindas nesse navio. Outro documento de 29 de Junho de 1772 especifica a natureza do que o dito marinheiro manifestara: “hum saco de topazios brutos, e hum saco de grizolitas, mais outro saquinho das mesmas mais piqueno, e com duas pedras grandes uma braia (?) e outra amarella, cujo nome se ignora”³⁰.

Do Porto, voltamos a ter novas notícias relacionadas com gemas, mas desta vez com contornos diferentes. Em 25 de Maio de 1773, António José Martins solicitou a entrega de umas crisólitas (“humta lata chea de grizolitas”) que daquela cidade do Norte de Portugal lhe enviara pelo correio António Alves da Cruz e Sousa, que identificamos como o ourives do ouro³¹. A pedraria passou pela alfândega de Lisboa e daí à Casa da Moeda, onde então se encontrava, fazendo-se a demonstração de como havia sido paga na cidade do Porto a percentagem de 1% para *Sua Majestade*³².

Anos mais tarde, Luís Francisco Perfeito, capitão da corveta Nossa Senhora da Nazaré e São José, vindo do Rio de Janeiro para a cidade do Porto viu-se obrigado a parar no porto de Lisboa, tendo de aí manifestar as pedras e o dinheiro que trazia a bordo. Por isso, em 1 de Dezembro de 1781, constituiu procurador³³ João Caetano Sacomano, de Lisboa, com poder de substabelecer, para que pudesse retirar da Casa da Moeda a pedraria pertencente aos seguintes moradores na cidade do Porto³⁴:

35. Tratar-se-á, provavelmente, do ourives do ouro português; vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Dicionário dos ourives do ouro, cravadores e lapidários do Porto e Gondomar (1700-1850)*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2012, vol. 1, pp. 966-970.

36. Tratar-se-á, provavelmente, do ourives do ouro português; vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Dicionário dos ourives do ouro, cravadores e lapidários do Porto e Gondomar (1700-1850)*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2012, vol. 1, pp. 415-426.

37. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

38. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

39. Pingos de água eram topázios incolores ou minas novas. Vd. FRANCESCHI, Humberto M. – *O ofício da prata no Brasil: Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1988, p. 238.

40. Sebastião da Silva Pereira, que deixou viúva D. Maria Teresa Corte Real, morreu em 11 de Janeiro de 1774, na freguesia do Santíssimo Sacramento, em Lisboa. Vd. o traslado in A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

41. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

42. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

43. Sobre esta personagem, vd. BRAGA, Isabel M. R. Drumond – *O Pátio dos Bichos: um espaço de lazer para a corte portuguesa do século XVIII*. *LibrosdelaCorte*. Madrid. 17 (2018), pp. 60-86.

44. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

45. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

Domingos Moreira Maia³⁵, um embrulho com 74 oitavas de crisólitas de conta;

António Martins da Cruz³⁶, um embrulho com 264 oitavas de crisólitas de conta;

João Moreira Maia, um embrulho com 8 arráteis de topázios e 4 de burgalhão de conta;

Francisco José Gonçalves Guimarães, um embrulho com 404 oitavas das ditas crisólitas e 6 libras e $\frac{3}{4}$ de burgalhão de topázios de conta.

Granadas

As granadas, gemas usadas em diversas tipologias de peças, em que se destacaram os hábitos da Ordem de Cristo, encontram-se também referenciadas, em termos da chegada a Lisboa. Assim, em 22 de Julho de 1761, Henrique Archer passou uma procuração a Luís Nicolino, homem de negócio da praça dessa cidade, para lhe entregarem na Casa da Moeda um embrulho com 262 oitavas de pedras granadas encarnadas, que manifestara no navio Nossa Senhora do Monte do Carmo e Santa Teresa, do Rio de Janeiro³⁷.

Outra informação referente a esta pedra é já da década de 70 de 1700, quando, em 4 de Junho de 1774, o piloto Manuel Pinheiro de Sousa Santos, morador na Rua de S. Bento, conferiu poderes a João Correia, escrivão dos Protestos, para retirar da Casa da Moeda “hum caixote de pedras granadas que trouxe em sua companhia da cidade da Bahia em o navio Príncipe do Brazil de que hé capitam Joze Correa”³⁸.

Ametistas e pingos de água

Outras gemas vindas do Brasil com alguma tradução no cômputo das remessas para Lisboa foram as ametistas e os pingos de água³⁹. Tal testemunha, em 28 de Janeiro de 1774, o documento de procuração passado por José Vieira Pinto de Almeida Pereira (a quem pertenciam, na ausência de Sebastião da Silva Pereira) a João Dias Santos para receber “huma arroba de pedras amatistas amarelas roxas e brancas”, na Casa da Moeda. Foram remetidas de Salvador da Baía pelo Tenente-Coronel João da Silva Guimarães⁴⁰. No entanto tal não deve ter sido possível, pelo que, em 3 de Março desse ano, a viúva do dito Sebastião da Silva Pereira, D. Maria Teresa Corte Real, deu poder ao mesmo João Dias Santos para recolher na Casa da Moeda a referida quantidade de ametistas⁴¹.

Entretanto, em 14 de Agosto de 1776, temos notícias de outra gema comum no Brasil setecentista, os pingos de água. Nesse dia, Teotónio José de Moraes, na Quinta do Pinheiro, estabeleceu uma procuração em José Lasevra Banher para este poder receber na Casa da Moeda um embrulhinho de pedras pingos de água, que lhe remetera da Baía José Joaquim da Rocha⁴². Já em 20 de Fevereiro de 1777, o Doutor João Rodrigues Vilar⁴³, em Belém, Lisboa, pedira a Sebastião Fernandes Chaves para retirar da Casa da Moeda “hum embrulho de pedras grizolitas e pingos de agoa” que lhe foram remetidos por António Moniz de Medeiros, não sendo indicado a origem do carregamento⁴⁴.

Finalmente, em 18 de Agosto de 1781, José Januário de Carvalho constituiu seu procurador o Dr. Joaquim Casimiro da Costa (e Luís Gomes de Matos) para lhe entregarem “8 libras de amatistas, e huns papeis de pingos de agua”, que se encontravam na Casa da Moeda⁴⁵.

Quadro 1 - Imposto pago pelos topázios trazidos do Brasil (1753-1760)

Data	Proprietário, navio e proveniência	Descrição	Valor do 1% (rs.)	Cota
28/02/1753	José de Amorim Lisboa (N. Sr. ^a do Livramento, Rio de Janeiro)	1344 oitavas de topázios, avaliados a 700 rs. a oitava	9\$408	f. 1
28/02/1753	Domingos António Pereira (N. Sr. ^a do Livramento, Rio de Janeiro)	199 oitavas de topázios, avaliados a 700 rs. a oitava	1\$393	f. 1
04/09/1754	Francisco Carvalho da Silva (N. Sr. ^a da Conceição e São Boaventura, Rio de Janeiro)	Um embrulho de topázios com o peso de 64 oitavas, a 720 rs. a oitava	\$460	f. 1v.
07/11/1754	Tomás Ramos da Fonseca	Um embrulho de topázios com o peso de 37 oitavas, a 800 rs. a oitava	\$296	f. 1v.
14/04/1755	José de Sá de Carvalho (nau de guerra N. Sr. ^a da Nazaré, Rio de Janeiro)	Um saquinho com vários embrulhos de pedras de várias cores, com o peso de 9 marcos e 1 onça	1\$824	f. 2
12/08/1755	João Lopes Anjo (nau N. Sr. ^a das Neves, Baía)	Um saco com um embrulho com 1240 oitavas de topázios	3\$731	f. 2
20/09/1755	Manuel Rodrigues Basto (nau N. Sr. ^a do Carmo, S. Domingos e S. Francisco, Rio de Janeiro)	Dois embrulhos de topázios, com 2336 oitavas	11\$112	f. 2v.
30/09/1755	José da Costa Ramos (Rio de Janeiro)	252 oitavas de topázios de várias qualidades	\$252	f. 2v.
30/09/1755	Joaquim José das Neves (Rio de Janeiro)	197 oitavas de topázios, avaliados a 800 rs. a oitava	1\$576	f. 2v.
08/08/1757	Francisco Neyzon e Donzenberg (Rio de Janeiro, em 1756)	979 oitavas de topázios, avaliados a 800 rs. a oitava	7\$832	f. 3
23/08/1757	João da Cruz Frota (nau Almirante, Rio de Janeiro, em 1757)	Uns topázios (sem indicar o peso)	3\$292	f. 3
12/05/1758	Pe. José Rodrigues de Gusmão (nau N. Sr. ^a da Penha de França Rainha de Nantes, Baía)	Uns topázios (sem indicar o peso)	\$196	f. 3v.
28/09(?)/1758	António Ribeiro dos Santos (nau Almirante, do Rio de Janeiro)	Uns topázios (sem indicar o peso)	3\$041	f. 3v.
10/01/1760	António Maurício da Silva (nau S. José e Princesa Real, Rio de Janeiro, em 1759)	Uns topázios (sem indicar o peso)	\$153	f. 4
10/01/1760	João Caetano dos Reis (nau N. Sr. ^a do Bom Despacho Santa Ana e Almas, Rio de Janeiro, em 1759)	Uns topázios (sem indicar o peso)	\$903	f. 4
24/01/1760	Francisco da Silva de Azevedo (Rio de Janeiro, em 1759)	Uns topázios (sem indicar o peso)	\$570	f. 4v.
24/01/1760	Manuel Henriques de Sousa (nau N. Sr. ^a do Bom Despacho e Santa Ana, Rio de Janeiro, em 1759)	Uns topázios (sem indicar o peso)	\$864	f. 4v.
07/02/1760	João José Vilanova (Rio de Janeiro, em 1759)	Uns topázios (sem indicar o peso)	\$100	f. 5
07/02/1760	Silvestre Coelho Louro (nau N. Sr. ^a do Carmo e Santa Teresa, Rio de Janeiro, em 1759)	Uns topázios (sem indicar o peso)	\$600	f. 5
07/02/1760	Francisco José da Fonseca (nau N. Sr. ^a da Glória e Santa Ana, Rio de Janeiro, em 1759)	Uns topázios (sem indicar o peso)	\$072	f. 5v.
06/03/1760	Francisco Ângelo Leitão (nau de guerra N. Sr. ^a das Brotas, Rio de Janeiro, em 1760)	Uns topázios (sem indicar o peso)	1\$680	f. 5v.
17/06/1760	João Pinto Homem (nau de guerra N. Sr. ^a do Livramento e S. José, Rio de Janeiro, em 1760)	Uns topázios (sem indicar o peso)	4\$243	f. 6
23/09/1760	João Moutinho (nau A Corveta, que foi para o Porto por causa do tempo, e veio do Rio de Janeiro, em 1759)	Uns topázios (sem indicar o peso)	1\$017	f. 6

Fonte: Arquivo Histórico da Casa da Moeda (Lisboa), *Manifestos das Naus*, L.^o 1636.

46. Vd. DUARTE, Mandio Pietro Gallas – *Administração portuguesa no extremo Sul da América: o governo de Pedro Sarmento na Praça Nova Colônia do Sacramento (1763-1775)*. Porto Alegre: [s. n.], 2010. Trabalho de conclusão do curso submetido ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em História.

47. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

48. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

49. Sobre esta figura, vd. SANCHES, José Dias – *Os Sanches de Vila Viçosa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1970, p. 102.

50. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

51. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

52. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

53. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

54. Sobre a joalheria nesta localidade e na comarca do Rio das Velhas, vd. OZANAN, Luiz – *A jóia mais preciosa do Brasil: Joalheria na Comarca do Rio das Velhas – 1735-1815*. Barbacena: EdUEMG, 2017.

Águas-marinhas

Mais tardias são as informações respeitantes às águas-marinhas. Se bem que a primeira notícia de que dispomos seja ainda da segunda parte da década de 70 de Setecentos, as restantes correspondem já aos anos 80 do século das Luzes.

Assim, em 10 de Maio de 1776, Pedro José Soares de Figueiredo Sarmento, antigo governador da Colônia do Sacramento⁴⁶, passou uma procuração a Alexandre José Gomes Azevedo de Leão para poder receber “hua porsão de pedras”, que manifestara ao ministro do ouro a bordo da fragata Graça, que tinha como capitão de mar e guerra João Nicolau Sxmelch. Nestas gemas entram quatro topázios grandes em bruto, cinco ou seis *pouco mais ou menos* roxas em bruto, uma pedra grande roxa e outra azul grande lapidadas, uns topázios pequenos, um lapidado e outro por lapidar, duas águas-marinhas lapidadas e outras poucas gemas em bruto, identificadas como pingos de água⁴⁷.

Nova remessa chega a Lisboa pela mão de Pedro Gonçalves de Andrade que, em 11 de Junho de 1783, instituiu seu procurador a Francisco António Colffss para levantar na Casa da Moeda um embrulho contendo 614 oitavas de águas-marinhas que havia trazido em sua companhia no navio Rainha dos Anjos, manifestando-as a bordo⁴⁸.

Nesse mesmo ano, a 15 de Julho, encontramos José Sanches de Brito⁴⁹, fidalgo da Casa de Sua Majestade, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo e Coronel do Mar da Armada Real, a passar uma procuração a Filipe Neri Barradas para poder receber na Casa da Moeda “hum barril de christaes, e duas agoas marinhas lapidadas”. A pedraria fora enviada do Rio de Janeiro pelo Pe. D. Alexandre Fidele de Araújo⁵⁰. Como se pode constatar, assistimos à presença de pessoas com algum destaque na sociedade lisboeta da época a trazer ou a receber gemas.

Por fim, em 19 de Outubro de 1786, existe no acervo documental da Casa da Moeda a procuração de Manuel José da Costa ao Rev. Pe. Francisco da Silva para aí receber um saco com águas-marinhas⁵¹.

Gemas sem identificação

Entre as remessas de gemas chegadas a Lisboa, algumas não são identificadas em concreto, como sucede, com “hum saco de pedras rouxas”, com a marca de quatro letras M.C.D.S.⁵², pertencente ao Padre Manuel Coelho de Sousa que, em 22 de Julho de 1761, passou uma procuração a Manuel António de Faria Airão para o poder retirar da Casa da Moeda, nos cofres do manifesto.

Em 17 de Julho de 1773, surge um novo caso, identificável através de uma procuração em que Gaspar Ramires de Arelhano confere poderes a Jerónimo Pereira Beirão para receber na Casa da Moeda “humas pedras preciosas que me vem remettidas do Sabará por Manoel Barboza dos Santos”, o que consta de um conhecimento acompanhando as mesmas pedras⁵³. Este caso tem a curiosidade de indicar que foram remetidas de Sabará, na comarca do Rio das Velhas, uma das localidades de Minas Gerais com pujança em Setecentos⁵⁴.

Deparamo-nos com uma situação similar, em 30 de Agosto de 1782, quando Bernardino Pinto da Cunha passou uma procuração ao Rev. Manuel Fernandes Teixeira e a António Teles da Silva para poderem receber na Casa da Moeda dezasseis “pedrinhas de cor amarela”, por ele manifestadas no acto de visita do navio Nossa Senhora Madre Deus S. José e Almas, Europa,

55. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

56. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

57. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

58. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

em que veio da cidade da Baía⁵⁵. Neste caso, a identificação fica-se somente pela cor das gemas.

As duas últimas situações a referenciar apontam apenas para a diversidade das gemas que os sacos enviados continham. Assim, em 16 de Fevereiro de 1786, José Joaquim do Cabo e Silva passou procuração a Hilário Magiolo para recolher na Casa da Moeda “hum caixote, e hum saquinho com diverças qualidades de pedras”, provenientes do Rio de Janeiro, no navio Jesus Maria José, cujo capitão era Manuel da Silva Campelina⁵⁶. Menos de um ano depois, a 29 de Janeiro de 1787, o *supra* mencionado José Sanches de Brito, passou uma procuração ao mesmo Filipe Neri Barradas para poder levantar na Casa da Moeda “hum saco em que vem outros com difrentes coalidades de pedras”, enviadas do Rio de Janeiro pelo Pe. D. Alexandre Fidele de Araújo⁵⁷, que, como vimos, anos antes lhe remetera um barril de cristais e duas águas-marinhas.

Existe, igualmente, a menção a pedras falsas, como sucede com o Pe. Fr. José da Anunciação que, em 12 de Janeiro de 1770, passou uma procuração a Manuel de Jesus Maria José, religioso carmelita descalço, para poder receber na Casa da Moeda uma caixa de tartaruga “como as de tabaco cheia de pedras falças”, proveniente do Rio de Janeiro, no navio Nossa Senhora da Oliveira⁵⁸.

Quando às gemas se juntavam adornos⁵⁹

59. Para uma análise mais pormenorizada de joias vindas do Brasil, simplesmente remetidas ou que acompanhavam os proprietários, vd. o SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Jóias e prataria entre os teres e haveres em viagens setecentistas entre o Brasil e Portugal* (em preparação).

As gemas nem sempre vinham isoladas, ou seja, nem sempre constituíam o único carregamento do proprietário, até porque, muitas vezes, este se fazia acompanhar das suas peças de joalheria ou das de outrem. Em 20 de Agosto de 1761, Luís António da Silva passou uma procuração a José Frederico Bartolomeu para poder retirar da Casa da Moeda, 96 oitavas de topázios e 43 oitavas de ametistas, vindo junto destas gemas 213 oitavas de ouro lavrado⁶⁰.

60. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

61. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

Outra situação ocorre em 3 de Novembro de 1773, quando Clara Joaquina da Silva constituiu procurador a Manuel de Jesus Pereira para recolher da Casa da Moeda uma boceta que lhe enviara seu irmão, Luís Manuel da Silva Pais, do Rio de Janeiro, com “humas oitavas de grizolitas”, bem como uma presilha de ouro do hábito de Cristo⁶¹.

62. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

63. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

A 26 de Novembro de 1781, Lázaro Ferreira Portugal conferiu poderes a seu irmão Pedro Ferreira Portugal para receber na Casa da Moeda “duas pessaz de senhora feitaz, de grizolitaz, e huma condessinha com amatiztaz lavradaz”, para além do dinheiro que havia manifestado⁶².

64. Vd. A.H.C.M., *Núcleo do Brasil*, doc. solto.

No ano seguinte, a 24 de Agosto de 1782, o Padre Bento Manuel Pereira constituiu seus procuradores Manuel Fernandes Teixeira e António Teles da Silva a fim de poderem recolher na Casa da Moeda as seguintes peças, trazidas da cidade da Baía, no navio Europa, invocado Nossa Senhora Madre de Deus S. José Almas, e que entrou em Lisboa em 6 de Julho desse ano: um *reciclé* e brincos de ouro com seus diamantes, um paliteiro de ouro e dois pares de botões de ouro, tudo com seu uso, bem como uma pedra lapidada para um anel “em figura oval de cor amarela”⁶³.

A 6 de Setembro desse ano, Domingos Pereira de Aguiar passou, no Porto, uma procuração ao Capitão Joaquim dos Santos, da cidade de Lisboa, para receber da Casa da Moeda a quantia de 14\$400 rs., uma cruz de ouro de hábito de Cristo e cinco ou seis pedras águas-marinhas, que havia manifestado no navio Nossa Senhora da Soledade e Santa Rita. Esta embarcação tinha por capitão José Moreira do Rio, havendo chegado a Lisboa proveniente da Baía em Julho desse ano⁶⁴.

A última notícia documental a que acedemos, combinando remessas de

jóias e gemas, data de 1 de Janeiro de 1790, quando, no Rio de Janeiro, Manuel Ribeiro Ponte declarou ter recebido de Filipe Cordovil de Sequeira Melo a quantia de 18\$999 rs. e “hum embrulho com banies (?) azues, e hum dito mais de grezolitas”, uma medalha de Nossa Senhora da Oliveira, um pequeno par de brincos de peros, três caixinhas de tabaco de pedra, um laço e brincos e uma cadeia de relógio “com a marca afora (?)” para entregar em Lisboa ao Provincial da Ordem de São Francisco, Fr. Francisco de Sales⁶⁵.

Notas Finais

Ao longo deste estudo, abordámos distintas informações sobre a vinda de gemas do Brasil para Portugal na segunda metade de Setecentos, com informações cronologicamente balizadas entre meados da centúria e 1790. A chegada de gemas brasileiras propiciou uma singularidade digna de nota, pelas consequências que teve na joalheria e em algumas alfaias religiosas portuguesas.

Remessas de topázios, crisólitas ou crisoberilos, pingos de água, granadas, ametistas ou águas-marinhas chegavam a Lisboa, mas também ao Porto, trazidos pelos próprios viajantes ou enviados por encomenda ou presente. Estas formas de expedir a pedraria e as obrigatoriedades legais do seu registo através dos manifestos dos navios permitem-nos, hoje, obter uma imagem de como era feito esse transporte. E, simultaneamente, possibilitam uma leitura que haverá de se complementar com algumas outras fontes, seja em território brasileiro, seja em arquivos portugueses.

Provenientes sobretudo da cidade do Rio de Janeiro, mas, igualmente, em alguns casos, de Salvador da Baía, ao seu transporte e recepção vemos associar-se um núcleo diferenciado de pessoas. Nele encontramos religiosos, nobres, sociedades e homens de negócio, bem como diversos ourives, para além de muitos nomes, provavelmente alguns deles mestres deste ofício em Lisboa, mas de que não dispomos de elementos concretos, neste momento, para os identificar. De facto, os diversos agentes ligados ao universo da ourivesaria eram, à partida, alguns dos maiores interessados na obtenção das gemas, para as poderem utilizar na realização de jóias e doutros objectos.

Com as informações apresentadas neste estudo poderemos contextualizar de um modo mais enquadrado as formas de chegada a Lisboa (e, de certo modo, ao Porto, num ou noutro caso) da pedraria brasileira, a sua diversidade tipológica e, para alguns casos, os meandros sociais que a envolviam. Será importante, um dia, complementar esta investigação com mais elementos existentes noutras fontes, tanto para a realidade a jusante, ou seja, em Portugal, como a montante, através de elementos que clarifiquem a obtenção das gemas após a saída do estádio de mineração, até porque algumas delas vinham já lapidadas. É todo este circuito que importa ainda aclarar, se bem que, com os elementos fornecidos neste estudo, algumas vertentes desta questão historiográfica possam ficar já melhor conhecidas.

Recebido em: 30/07/2020

Aprovado em: 12/09/2020